ORBITAL POESIA

50

Paulo Leão

A ORDEM DO ACASO

Paulo Leão

Para Beth com afeto e um abraço do poeta

BH, 19/3/98

A ORDEM DO ACASO

POESIA ORBITAL
BELO HORIZONTE
1997

Coleção *POESIA ORBITAL*

Organizadores: Adriana Versiani, Ana Caetano, Camilo Lara, Carlos Augusto Novais, Emília Mendes, José Pereira Júnior, Júlio Emílio Tentaterra, Luciana Tonelli, Luciano Cortez, Marcelo Dolabela, Maria José Bretas e Maysa Gomes Rodrigues

Colaboradores: Carlos Rodrigues, Gilbert de Abreu, Jimi Vieira, Lair Mattar

Agradecimentos: Adyr Assunção, Antonio Pereira, Bel Lima & Renato Negrão & Serginho Borges & Viviane, Carlos Eloy Carvalho Filho, Carlos Gomes, Divina Lara, Cecília Bhering Magalhães Pinto, Fernando Taveira Corrêa, Francisco Stehling Neto, Gustavo Gazinelli, Jussara Carneiro, Luiz Soares Dulci, Marcos Avritzer e Virgílio Mattos

Projeto gráfico e capa: Glória Campos - *Mangá*

Formatação gráfica: Adriane Puresa & Marco Antônio C. de Campos - *Mangá*

Ilustração da capa: Marcelo Dolabela, sobre fragmento de fotografia (de Lincoln Continentino)

Digitação: Daniel Costa e Renato Negrão

Revisão: Marcelo Dolabela

Associação Cultural Pandora ▪
contatos: (031)222-5148, (031)296-3857 e (031)463-2389
Belo Horizonte, 1997

T V

Consumidos ídolos
idos
eterimagens
no vídeo
ídeo violado
violante
ante retina

embotamento
global/ocular
senso/senhorial
sensorial
fixa ação fixa
moduLAR
idéia ida
idílio dos
ídolos
consumidos
idos

HISTORINHA ATUAL

Entrou para uma seita oriental para liberar
seu espírito - depois de algum tempo - seu espírito ficou
tão livre que se desprendeu da matéria e hoje responde a
um inquérito para a
Santa **N**acional **I**nquisição

POEMA

A palavra morde
o espaço do papel
urde colocá-las
acidentalmente
num jogo fatal

POEMA SEM NOME

Eu não quero
ganhar dinheiro
eu quero
fazer poemas

CICLOS

Tudo gira em volta
de nós. Stamos fadados
a sermos um relógio
que, ininterruptamente,
marca as fases vividas
té agora e futuras.

T E M P O S

Espaços abertos no tempo da vida
uma luz que apaga na vida do tempo
o tempo devido da vida vivida
a vida no tempo perdido na vida
espaços abertos na vida do tempo .

P E N U M B R A

A luz que emana lúbrica,
de teus seios alvos, rijos,
cegando os olhos tênues
volúpia ardente, ócio,
torpor do amor que gozo.

BOTE

Esta víbora maligna
que no chão rasteja, ávida,
por uma glória fortuita,
saberá, sempre , com olhos
espreitando, quem será
sua vítima fatal.

APOCALIPSE

Que esperas ainda deste séc'lo?
mais guerras, mais desgraças, mais fome?
Deixe-o logo terminar, enfim.
não tenha mais esp'ranças ingênuas,
nada salvará o seu destino.
E o próximo, desta maneira,
talvez não será nenhuma perla.
Eis o caminho inexorável.

E L E I Ç Õ E S

O som do apocalipse
soava pelas trompas
dos mil autofalantes
do lar de lúcifer ,
pertubando as flores,
como crisântemo,
que murchavam pálidas
nos jardins do Éden.

I R L A N D Ê S

Prefiro
a cachaça
sem IRA
do que
o uísque
com sangue

A T U A L

Tem gente matando
cachorro a grito
tem gente matando
cachorro e a gente

S I F Ú

Chegou andando lento
Premeditando o assalto
em um pulo drástico, errou.
Caiu lá onde não devia ser.

CANÇÃO ALITERADA PARA UM ANIVERSÁRIO

Valéria,
valeria a vida?
Vívida dúvida,
dívida vivida.

O escorpião suicida-se ao perigo:
armadilhas.
Mas a vida vale.

Ilhas límpidas,
vales floridos,
volúpias de violões,
sonoras canções.

Caminho a seguir,
límpido, vívido, divino.
Assim, continue:
a vida vale,
Valéria.

MOMENTO

Pairam sobre mim
nuvens
um pouco escuras
mas não ligo não
são apenas nuvens
elas vão se dissipar
com o vento
e o vento já está próximo a chegar
já disseram
que em lugares vizinhos
já até passou

E N V O L V I M E N T O

Em volta
da gente
há gente
em volta
da gente
agentes

M Á S C A R A S

Em cima de tudo
existem
outras

POEMA EM TRÊS ATOS

1º ATO
Pernas & pés
peles
autofalantes
palmas

pés & sapatos
Lex
inconfidentes
palmas

solas & pedras
toques
palmas
palmas
&
muitas palmas

2º ATO
r**UAS**
Noite
p(eles)
situ(ações)

copos
sopas
sapos
situ(ações)

pedras
sardas
rãs
situ(ações)
palmas

3º ATO
Palmas
&
muitas palmas
(todos de pé)

Ouro Preto, 17/7/75

F R E S T A S   L Í R I C A S

Espaços restritos
onde passa a luz
espaços contidos
onde passa a história

e s p a ç o s   a b e r t o s   pequenosespaços

onde passa a vida
deveriam ser maiores
as frestas da existência

S E N S I T I V O

Faço um poema:

um cheiro de cor
um cheiro q for
um cheiro de dor

de fora sente-se:

um gosto de ver
um gosto de ter
um gosto de ser

de dentro morre-se

MOVILENTO

Rua
veloluzes
plam
grito
corpo no asfalto
movilento
corpo no leito
plic plic
movilento

rua
veloluzes
outros plans
outros gritos
outros corpos no asfalto
a caminho do leito
movilentos
no gotejar
plic plic
do tempo da cidade

DIA NACIONAL DA POESIA

A poesia já tem dia nacional!
Poesia tem dia?
O dia da poesia pode ser um dia sem poesia.

Poesia é a palavra.
A poesia é o poema.
A palavra é a ferramenta do poeta.
Não é uma ferramenta que se encontra facilmente.
Aparentemente é.

A palavra está aí, jogada nos dicionários,
mas tem o peso certo dentro do poema,
como se fosse uma pedra preciosa em bruto.
Há de ser lapidada,
com todo o cuidado e técnica,
até que fulgure resplandecente
no seu lugar ideal.

Desnuda,
desgastadas de todas as significações,
do seu significante,
da sua semântica.

Depois de burilá-la totalmente,
em todas as suas possibilidades,
o poeta a joga de lado,
conquistada,
procurando outras palavras,
pra cometer o mesmo crime.

O poeta é o estuprador das palavras,
o fingidor, como disse Pessoa.
Tem orgasmos oníricos
quando coloca as palavras prostadas a seus pés.
Mas no fundo, no fundo,
são elas sempre as vencedoras.

O poeta é o escravo da palavra,
o poeta é o escarro da palavra .

E o poeta continua,
conquistador errante,
nessa infindável tarefa de
des / organização verbal.
Pois todo dia é dia de poesia
até que a morte os separe.

BRINCANDO COM A MORTE

A morte me espera.
Marquei com ela, há alguns dias,
e não fui ao seu encontro.
Mas sei que ela me espera,
estática,
em alguma esquina da vida.

Atrasei a esse encontro
pois apareceram coisas terrenas bem atraentes:
mulheres, loucuras,
todas essas coisas que a vida tem
para enganar a gente.

Mulheres apareceram algumas,
até uma disfarçada
que era a própria morte.

Loucuras...
basta viver para conhecê-las,
é o dia-a-dia.

A morte me espera
que posso fazer para escapar dela?
É só não ir ao seu encontro
mas isso é impossivel,
não tem nada a ver comigo.
Sei como sou.
Só se houver uma mudança radical.
Mas a mudança não há!

Morte
fique mais um pouco em sua esquina,
estática,
espere-me,
que talvez não demore muito.
Quem sabe?

CANÇÃO DA TERCEIRA DÉCADA

Quero um lago de um azul infinito
translúcido
e nele contruir minha Atlântida
viver submerso
eu e minha obra

Quero uma caverna de um negro profundo
opaco
e nela construir minha urbis
viver subterraneamente
eu e minha obra

De certo em certo tempo
virei a superfície
guerrilheiro subaquático/subterrâneo
para buscar alimentos
eu e minha obra precisamos sobreviver

Verei com esses olhos implacáveis
as modificações, as trasformações
boas ou más
que se processaram em meu antigo habitat

Talvez minha obra subterrânea/subaquática
influencie em alguma coisa
pois nas minhas investidas guerrilheiras
à procura de sobrevivência
sempre deixarei uma marca
a minha marca
a marca de minha obra
subterrânea/subaquática

A presente edição, com tiragem de 500 exemplares, foi composta por Mangá Ilustração e Design Gráfico, em caracteres Garamond Light condensada, corpo 10,5/14, e impressa pela Rona Editora, com papel Capa Texto 240g para capa e com papel Polén Bold 90g para miolo. Em novembro de 1997.

COLEÇÃO *POESIA ORBITAL*

01. Adriana Versiani & Camilo Lara - *Dentro / Passa*
02. Alícia Maria - *A margem*
03. Almir Rosa - *Haiku*
04. Álvaro Andrade Garcia - *O verão dentro do peito*
05. Ana Adelaide & Afonso Ivo Vieira de Vasconcelos - *Madrugada*
06. Ana Caetano - *Quatorze*
07. Ana Elisa Ribeiro - *Poesinha*
08. André Brasil - *21 poemas (Que você não ouviu direito)*
09. Antonio Pereira - *Folhas do carmim*
10. Bill Bicalho - *Psicolira*
11. Carlos Augusto Novais - *Alvo. S.m.*
12. Carlos Barroso - *Poetrecos*
13. Carlos Versiani - *Espelhos*
14. César Perillo - *Contacto*
15. Claudia Camara - *19 atos*
16. Daniel Costa & Renato Negrão - *Dragões do Paraíso*
17. Daniel Mely - *Trímana*
18. Delcio do Carmo Lima - *Poemas nada herméticos/heréticos*
19. Delfim Afonso Jr. - *Poemas do revisor*
20. Elder Mourão - *LVA*
21. Emília Mendes & José Pereira Júnior - *Cantiga de amores a ilustres senhores / Noturnos*
22. Emílio Carlos Roscoe Maciel - *Arte paleolítica - A bruxaria através dos tempos (baseado em fatos reais)*
23. Flávia Craveiro - *Película*
24. Flávio Mota - *Para casa*
25. Gerson Murilo - *Língua à deriva*
26. Gilberto de Abreu - *Caiuaua*
27. Helton Gonçalves de Souza - *Palavra: carvão na água*
28. Izabel Xarru - *A lua assoprada do oásis passeia no infinito*
29. José Américo Miranda - *Poemas*
30. Judith & Marco Antônio Azevedo & Mário Azevedo - *Dia de domingo*
31. Júlio Emílio Tentaterra - *Sol quebrado*
32. Kiko Ferreira - *Belo blue*
33. Kity Amaral - *Giram sóis*
34. Lúcia Afonso - *Delicadeza*
35. Luciana Tonelli - *Flagrantes do poço*
36. Luciano Cortez - *Antígona amarrada*
37. Magda Lúcia Rodrigues - *Narciso & outros poemas*
38. Marcelo Dolabela - *Amônia*
39. Marcus Vinícius de Faria - *Outros tempos*
40. Maria José Bretas - *Locação do imóvel*
41. Maria Luzia Couto Teixeira - *Eos*
42. Mário Flexa & Rita Espeschit - *Par-ou-ímpar*
43. Mateus Araújo - *23 poemas*
44. Maysa Gomes Rodrigues - *Zelo*
45. Miguel Vasconcellos Diniz - *Dispersos diversos*
46. Nelson Vaz - *Lado alado*
47. Nina Rosa Magnani - *Do pão mineiro*
48. Oswaldo André de Mello - *Meditação da carne*
49. Paula Farhat - *Se não fosse poesia*
50. Paulo Leão - *A ordem do acaso*
51. Paulo Moreira - *Quatro partes*
52. Raimundo Carvalho - *Conversa com o Ciclope*
53. Roberto Barros de Carvalho - *Zoopornô e outros poemas*
54. Ronaldo Zenha - *Allá va eso*
55. Serginho Borges - *O Guerreiro Nuclear e o Pacifista a conversar*
56. Sônia Queiroz - *Relações cordiais*
57. Sueli Miranda - *Lyra de alfarrábio*
58. Sylvio Túlio Peixoto - *Dispersos*
59. Teodoro Rennó Assunção - *Restolho seguido de necrológico (uma autoficção poética)*
60. Toya Libânio - *Sete vezes*
61. Vera Casa Nova - *Horizontes de passagem*
62. Virgílio Mattos - *Obquãobestacri*

Paulo Sérgio Leão de Oliveira e Castro, nascido à 19/11/43, transferiu-se para Belo Horizonte em 1976. Participou, entre outras publicações de *Razão de Dois*, *Bacana*, *Náu Frágil*, *Clé*, *Não*. Publicou vários poemas alternativamente, vendendo-os nos bares de Belo Horizonte. Atualmente está com o projeto de um livro, que se chamará *Livro*.

POESIA ORBITAL

Muitas e diversas são as vozes de uma cidade. Algumas vibram sob o peso do seu passado, outras silenciam no ritmo acelerado do seu presente, porém, todas se projetam no futuro da sua lembrança. Belo Horizonte, no seu centenário (1897-1997), faz ecoar "bilhões de vozes num único eco".

Entrecortando os espaços da memória e do esquecimento, do som e do silêncio, a palavra da poesia se apresenta como estrutura polifônica, incrustada no corpo da cidade. A coleção *Poesia Orbital* (62 livros) procura apresentar para Belo Horizonte as variadas *órbitas poéticas* que circundam o seu centenário.

Assim, a Coordenação da coleção contou com a presença de alguns grupos editoriais da cidade (Cemflores, Dazibao, Fahrenheit 451 e Razão de Dois) que trabalham ou trabalharam com publicações coletivas de textos literários em diferentes formatos gráficos (livros, revistas, jornais, suplementos, fanzines, cartelas, dobraduras, folhetos etc) e em variadas tendências estéticas, e autores independentes.

Portanto, o conceito de *órbita poética* traduz, a um só tempo, a autonomia de cada autor, de cada grupo editorial, de cada tendência, e, também, a possibilidade do encontro dessas diferenças, na medida em que elas se realizam e se projetam no espaço geométrico da cidade.

Apoio cultural: